

**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E A DESINFORMAÇÃO: O PAPEL TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA**

INITIAL TEACHER TRAINING AND MISINFORMATION: THE TRANSFORMATIVE ROLE OF MEDIA LITERACY

FORMACIÓN INICIAL DEL PROFESORADO Y DESINFORMACIÓN: EL PAPEL TRANSFORMADOR DE LA ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA

**Igor Pereira dos Santos\***  
**José Ricardo e Souza Mafra\*\***

**RESUMO**

O presente artigo disserta sobre o impacto da era digital na disseminação da desinformação e destaca o papel da educação, especialmente na formação inicial de professores, como recurso de enfrentamento desse fenômeno. A partir de uma pesquisa qualitativa com estudantes de Licenciatura em Informática Educacional, o estudo teve como objetivo verificar ambientes, na formação inicial de professores, que promovessem práticas e estudos sobre o contexto da sociedade permeada por informações falsas, manipuladas e/ou descontextualizadas e de como as mídias digitais favorecem a circulação desse tipo de conteúdo. O artigo propõe a educação midiática como estratégia essencial, defendendo a capacitação crítica e colaborativa dos professores em formação. Conclui-se que a educação, embora não resolva sozinha o problema, é pilar fundamental na construção de uma sociedade crítica e informada.

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Educação. Pós-verdade.

**ABSTRACT**

This article discusses the impact of the digital age on the of disinformation and highlights the role of education, especially in initial training teacher, as a resource for confront this phenomenon. Based on qualitative research with undergraduate students in Educational Informatics, the study aimed to verify environments, in initial training of teacher, that promote practices and studies on the context of society permeated by false, manipulated and/or decontextualized information and how digital media favor the circulation of this type of content. The article proposes media education as an essential strategy, defending the critical and collaborative training of teachers in training. It is concluded that education,

---

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação PPGGE da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Professor Assistente da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá, Amapá, Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estatística e Matemática do Amapá (GEPEMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5407-4924>. E-mail: [igor.santos@ueap.edu.br](mailto:igor.santos@ueap.edu.br).

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor titular da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Santarém, Pará, Brasil. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFOPA e do Programa de Doutorado em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) – Associação em Rede – intitulada Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3629-8959>. E-mail: [jose.mafra@ufopa.edu.br](mailto:jose.mafra@ufopa.edu.br).



although it does not solve the problem alone, is a fundamental pillar in the construction of a critical and informed society.

**Keywords:** Social Networks. Education. Post-truth.

## RESUMEN

Este artículo analiza el impacto de la era digital en la difusión de desinformación y subraya el papel de la educación, especialmente en la formación inicial del profesorado, como recurso para afrontar este fenómeno. Basado en una investigación cualitativa con estudiantes de pregrado de Informática Educativa, el estudio buscó identificar entornos en la formación inicial del profesorado que promuevan prácticas y estudios sobre el contexto de una sociedad impregnada de información falsa, manipulada o descontextualizada, y cómo los medios digitales facilitan la circulación de este tipo de contenido. El artículo propone la alfabetización mediática como estrategia esencial, abogando por la formación crítica y colaborativa del profesorado en formación. Concluye que la educación, si bien no es la única solución al problema, es un pilar fundamental para la construcción de una sociedad crítica e informada.

**Palabras clave:** Redes sociales. Educación. Posverdad.

## 1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX é marcada pelo processo de evolução tecnológica, os quais vieram a se tornar instrumentos expoentes na disseminação de desinformações. O ponto central e que marca o início desse período é a liberação do computador para uso da sociedade e em seguida o surgimento da internet.

Essas tecnologias foram ganhando novas utilidades a cada momento e logo “explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando o escopo das transformações tecnológicas, bem como diversificando suas fontes” (Castells, 1999, p. 44).

O divisor de águas na evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs acontece na primeira década do século XXI. Ao passo de essa evolução ser constante e rápida. A internet é um dos artefatos que teve um importante melhoramento, com a “disponibilidade de alcance da banda larga de alta velocidade transformou a internet do meio mais barato e mais rápido de publicação já inventado em algo que teria um impacto cultural, comportamental e filosófico muito mais profundo” (D’Ancona, 2018, p. 50).

Esses artefatos foram essenciais para as transformações nas formas de comunicação e a sua popularização permitiu a facilidade no acesso aos “dispositivos digitais que permitem o

recebimento, o armazenamento, a edição e a distribuição de conteúdos audiovisuais” (Chaves e Melo, 2019, p. 63). Esse fluxo de conteúdos disponíveis na internet, como a produção e divulgação em massa, passam a não ser mais uma exclusividade dos meios de comunicação tradicionais (TV e Rádio).

Os blogs/sites e, posteriormente, as redes sociais deram aos usuários dessas plataformas a possibilidade de poder expor suas opiniões e divulgar conteúdos próprios, democratizando e descentralizando as produções audiovisuais, portanto, temos aqui um marco importante na história da humanidade, a primeira evolução significativa da internet, os usuários deixam de ser sujeitos passivos (meros receptores dos conteúdos) e passam a poder ser sujeitos ativos, podendo produzir e divulgar nesses ambientes.

Contudo, assim como aconteceu em outros períodos da humanidade, esse processo de evolução também resultou em mudanças de características temporais, espaciais e nas formas de comunicação entre as pessoas, os grupos, as comunidades e populações, transformando a vida cotidiana de toda a população mundial. Atualmente é “difícil imaginar um mundo sem smartphone, Google, Facebook ou YouTube ou considerar, por exemplo, hospitais, escolas, universidades, agências de ajuda humanitária, instituições beneficentes ou economia de serviços desalojada dessas ferramentas” (D’Ancona, 2018, p. 50).

Essa interconexão possibilitada pela comunicação em tempo real colaborou o surgimento de novas formas de comunicação. É por meio destes que a cultura, língua, hábitos e tradições de um povo/nação puderam ser divulgadas com outros grupos, promovendo a modificação total ou parcial da estrutura de uma sociedade, inferindo as formas de “pensar, sentir, agir, de se relacionar socialmente e adquirir conhecimentos” (Kensky, 2012, p. 40) dos membros dessas nações.

Na última década do século XX o sociólogo Manuel Castells indicava essas interferências, o mesmo apresentou três aspectos para o novo paradigma das tecnologias da informação, são elas: informação é sua matéria-prima, à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias e a à lógica de redes (CASTELLS, 1999). No intuito delas serem um guia nos trilhos da transformação social que viriam ocorrer.

Essas transformações podem ser vistas no meio social da humanidade. Grande parte das sociedades e nações tiveram, ao longo das últimas duas décadas, transformações significativas em suas estruturas, sejam no campo da própria estrutura, como também no compartilhamento



para outras nações da cultura, culinária, línguas, entre outros.

Embora haja crescente produção sobre desinformação e seus impactos na sociedade contemporânea, bem como sobre a importância da educação midiática no contexto escolar, observa-se ainda uma lacuna no que se refere à análise de como processos formativos concretos, no âmbito da formação inicial de professores, têm sido estruturados, desenvolvidos e apropriados pelos licenciandos.

Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: como a formação inicial de professores pode contribuir para o enfrentamento da desinformação no contexto educacional contemporâneo, especialmente a partir de experiências formativas que articulem teoria e prática?

Assim, este estudo tem como objetivo analisar de que maneira uma experiência formativa, desenvolvida na formação inicial de professores, pode contribuir para o enfrentamento da desinformação no contexto educacional.

O estudo contribui ao evidenciar limites, potencialidades e encaminhamentos pedagógicos relacionados à inserção da educação midiática na formação docente, considerando o contexto de uma sociedade marcada pela circulação intensiva de informações falsas, manipuladas e descontextualizadas.

## **2 A ERA DIGITAL E A EXPLOSÃO DE DESINFORMAÇÃO**

Na esteira dos avanços retromencionados, os usuários no geral puderam utilizar esses espaços para ecoar suas vozes, elevando-se de meros consumidores para o status de produtores. Essas mudanças são destacadas por D'Ancona (2018, p. 50) ao dizer que a

Web 2.0 não era apenas um fenômeno tecnológico: substitui as hierarquias pela recomendação par a par, as deferências pelas colaborações, os encontros agendados pelos flashes mobs, a informação de propriedade particular pelo software de código aberto e o consumo passivo da mídia eletrônica pelo conteúdo gerado pelo próprio usuário.

Sob essa perspectiva, o que até então era de atuação de profissionais, como no jornalismo, passa a estar à disposição de pessoas comuns, visto que elas puderam ser usuárias

ativas, criando suas próprias produções textuais e audiovisuais com bastante facilidade. Como resultado, houve um aumento exponencial da quantidade de informações.

A partir dessa configuração, observa-se o crescimento da reprodução de notícias e informações descontextualizadas, manipuladas e até falsas, produzidas por pessoas e/ou grupos que encontraram na internet a oportunidade de propagar tais conteúdos em busca de ganhos próprios ou mesmo para manipular os receptores.

Essas ações são operadas através de formas mais expansionistas por conta das mídias digitais, fazendo com que as desinformações produzidas fossem propagadas de forma mais rápida e generalizada (Martins, 2020), chegando nos mais diversos ramos da sociedade. D’Ancona (2018) nos coloca com os pés no chão ao dizer que:

Entramos em uma nova fase de combate político intelectual em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade por um movimento rumo à autocracia. [...] A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D’Ancona, 2018, p. 19).

Nesse cenário, dois fatos marcam o acender das “luzes de emergência” sobre a desinformação permeada na sociedade, são elas: a vitória do Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América, em 2016, e o referendo do Reino Unido que decidiu a saída do bloco da União Europeia, conhecido por Brexit.

Tais episódios são compreendidos como “sinais de alerta para o aumento da influência das notícias falsas sobre os processos de constituição da opinião pública, de modo a interferir na tomada de decisões de interesse local, nacional ou mesmo global” (Cruz Jr., 2021, p. 275), em virtude da quantidade de noticiais e informações falsas e manipuladas que foram impulsionadas durante o período dessas escolhas populares.

Outro episódio acontece durante uma entrevista coletiva em que Donald Trump, então candidato a presidente norte-americano, ao ser questionado pelos jornalistas, responde esbravejando o seguinte termo: “*fake news*”, com intuito de contestar as notícias negativas que vinham sendo propagadas pelas mídias tradicionais (Martins, 2020). A expressão tornou-se tão popular que obteve um aumento de 365% comparado ao ano anterior, levando o jornal The Guardian considerar a “expressão do ano” de 2017.



A expressão passou a ser usada por outros líderes de nações como forma de desvirtuar os fatos e emplacar o contraste com o que eles passaram a chama de “verdade alternativa” (D’Ancona, 2018), como forma de rebater qualquer crítica que pessoas, meios de comunicações ou organizações da sociedade civil viessem a expor.

Contudo, o conceito deste termo não consegue abarcar a complexidade desta problemática. Para Lemos, o termo *fake news* são “ações intencionais criadas para atingir grupos ou pessoas, tendo como motor a lógica da performatividade algorítmica das redes sociais” (Lemos, 2021, p. 33). Entretanto, ao analisar as diversas plataformas, percebe-se que é mais complexa e ampla do que somente uma Notícia Falsa, *fake news*.

Um exemplo dessa complexidade é caso do radialista norte-americano, Alex Jones, que usou rádios digitais para propagar que o massacre na escola infantil Sandy Hook, em 2012, foi inventado pelo governo para desacreditar a política armamentista. Resultou em ameaças e perseguições aos pais e policiais, e até os túmulos foram atacados.

Outro caso que podemos citar, é o de Fabiane de Jesus que foi linchada até a morte por moradores de um bairro da cidade de Guarujá/SP, ao ser confundida com uma suposta sequestradora de crianças divulgada por uma página no Facebook. Ao fim, Fabiane foi morta por um caso inexistente e que foi inventado para ganhar repercussão.

Estes casos nos ajudam a compreender que é muito mais que uma notícia falsa, perpassa na busca de ganhos pessoais ou de grupos com defesas intransigentes. Estas atitudes advêm do que tem sido chamado de “pós-verdade”, eleita palavra do ano pelo dicionário de Oxford 2016, e a define como: “relacionar ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford, 2016, s/n).

A partir disso, vemos que no primeiro caso o uso intencional de conspiração para angariar apoio dos defensores da lei armamentista e atacar o governo que pautava uma política de desarmamento. No segundo caso, podemos ressaltar o uso de temáticas que chamaria a atenção dos usuários por meio da emoção, mas que foram tomados pela irracionalidade sem antes buscarem saber mais informações do que havia sido divulgado.

Essas conspirações ganharam força pois encontraram nas mídias sociais o ambiente propício para a sua propagação. Tendo efeito significativo na sociedade, Silva (2021, p. 33) diz

que isso “motivou diversas famílias a se posicionarem contra a imunização [...] e isso repercutiu na saúde pública coletiva exponencialmente”.

A disseminação de informações falsas, manipuladas e descontextualizadas é amplificada pelas mídias sociais e “ao compararmos a disseminação entre fato e fake, a notícia fabricada (fake) tem alcance e impacto muito maior, tornando-se rapidamente disseminada, 70% a mais em detrimento ao fato (verdade)” (Silva, 2021, p. 35).

Compreendemos que o termo “*fake news*” não consegue definir a complexidade da situação. Assim, usaremos a expressão desinformação que abarca a grande problemática encontrada e que é caracterizada como “a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos” (Martins, 2020, p. 8).

D’Ancona define como “a difusão sistemática de mentiras por organizações de fachada que atuam a favor de grupos de interesse que desejam suprimir a informação precisa ou impedir que outros grupos ajam contra eles” (D’Ancona, 2018, p. 46). Tais conceitos se alinham com os fatos que acenderam as luzes de alerta. Ajudam a compreender a extensão da desinformação, da perda da vergonha de propagar esses conteúdos e que há pessoas sedentas por conteúdos alinhados as suas ideias e ideais.

Diante desse contexto e das conceituações apresentadas pelos autores, compreende-se a desinformação como um conjunto de ações premeditadas e organizadas, voltadas à disseminação de conteúdos manipulados e fraudulentos, com o objetivo de influenciar a sociedade por meio da emoção, do fundamentalismo e da ignorância temática.

### **3 UM CAMINHO POSSÍVEL: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES COMO PILAR DE MUDANÇA**

É no contexto de alta desinformação na sociedade que se encontram os ambientes escolares, visto que, a “era digital impôs-se nas nossas vidas, na economia, na cultura e na sociedade, e também na educação. Nada foi programado. Tudo veio de supetão. Repentinamente. Brutalmente” (Novoa, 2022, p. 34).

No ano de 2023, a pesquisa TIC Domicílios<sup>1</sup> demonstrou que a internet foi usada por

---

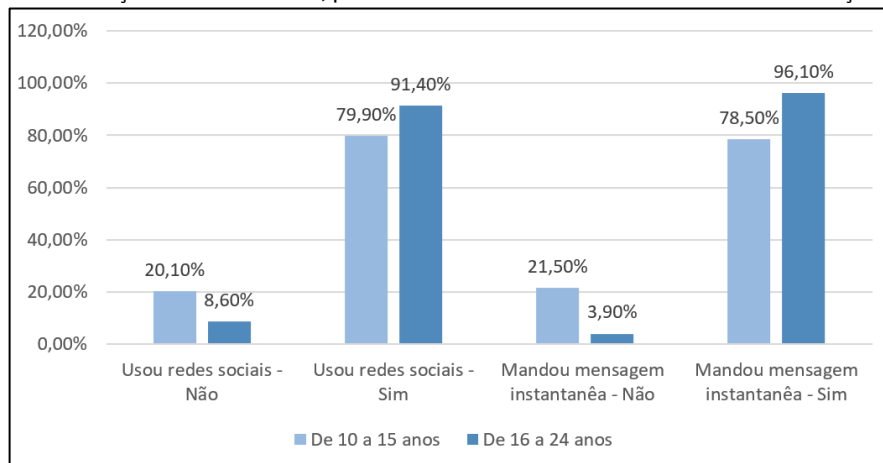
<sup>1</sup> Para mais informações das pesquisas TICs Domicílios, acesse: <https://data.cetic.br/explore/>



79,90% dos adolescentes de 10 a 15 anos e 91,40% e jovens de 16 a 24 anos para acessar as redes sociais e que 78,50% dos adolescentes de 10 a 15 anos e 96,10% jovens de 16 a 24 anos para acessar os aplicativos de mensagens instantâneas, Como pode ser visto abaixo, no Gráfico 1.

Esses dados nos confirmam as questões dos adolescentes e jovens estarem imersos nas mais diversas plataformas existentes na internet e nos meios digitais de múltiplas formas, inclusive para se informar. E por estarem imersos nas mídias digitais, acabam consumindo milhares de informações cotidianamente, inclusive notícias e informações fraudulentas, manipuladas e/ou descontextualizadas.

Gráfico 1 – Crianças e adolescentes, por atividades realizadas na internet – comunicação e redes sociais



Fonte: Elaborado pelos autores com os dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2023.

O ambiente da sala de aula recebe o resultado dessa situação através dos anseios, dúvidas e até questionamentos dos estudantes ao se depararem com o conteúdo que têm apontamentos divergentes daqueles que eles viram, leram ou ouviram nas mídias digitais, ou então, em conversas entre os pais/responsáveis e/ou familiares.

Sendo assim, as escolas têm sido apontadas como o ambiente adequado para trabalhar com a temática do estudo das mídias como aparato tecnológico que promova o bem-estar e a participação ativa dos estudantes no cotidiano da sociedade (Bernadi, 2021). Nesse sentido, o autor Versuti (2021, p. 40) vai dizer que é preciso incluir “temas como multiculturalismo, estudos de mídia e tecnologia, aspectos sociológicos, formas de democracia e autoritarismo e

uma série de transformações que ocorreram na sociedade e provocaram alterações nas noções de conhecimento”.

É partir dessa indicação – que as escolas devem ser um dos espaços de preparação e enfrentamento à crise de desinformação – que os professores passaram a ser requeridos para serem os mediadores do debate e do aperfeiçoamento das habilidades necessárias que os estudantes precisam ter para lidar com o ambiente das mídias digitais.

Alguns pesquisadores têm apresentado termos distintos para debater vieses dessas temáticas, tais como alfabetização midiática e informacional que “proporciona aos cidadãos as competências necessárias para buscar e usufruir plenamente dos benefícios desse direito humano fundamental” (Unesco, 2022, p. 16); Literacia midiática que é o “ensino dos jovens, para que possam adquirir competências de acesso, análise crítica, articulação e comunicação, utilizando as mídias para promover impacto positivo em suas vidas e também da sociedade” (Versuti, 2021, p. 12).

Temos ainda o termo Educomunicação, que é caracterizada como os “conjuntos das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos” (Soares, 2002, p. 24). Ainda que tenha proximidade nas conceituações desses termos, o foco é em questões diferentes. A conceituação que engloba a difícil situação relacionada à desinformação é o conceito de Educação Midiática.

Embora esses conceitos apresentem aproximações, este estudo adota o referencial da educação midiática, por compreender que tal abordagem articula, de forma mais abrangente, dimensões relacionadas à criticidade, à participação e à responsabilidade ética no ambiente informacional. Essa escolha se justifica pela necessidade de pensar a formação inicial de professores para além de competências técnicas, considerando o desenvolvimento de sujeitos capazes de analisar, produzir e intervir de forma consciente nas dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

A Educação Midiática para a Educamídia é um “conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional em todos os seus formatos, dos impressos aos digitais” (Educamídia, 2020, p. 50). Já para Hobbs e Jensen é “uma conceituação expandida de alfabetização; o propósito é desenvolver participantes informados, reflexivos e engajados, essenciais para uma sociedade democrática” (Hobbs e Jensen, 2009, p.



7) e que requeira uma investigação ativa e pensamento crítico daquilo que os estudantes vão receber ou divulgar.

Essas conceituações nos trazem o entendimento de que qualquer usuário precisa adquirir habilidade para navegar por esses ambientes, ter criticidade com os conteúdos consumidos e também com os materiais que vão compartilhar. Ao tratar da criticidade, essa conceituação se alinha com a função da escola de “construir competências básicas privilegiando a criticidade, devendo ensinar a discernir o que constitui conhecimento de manipulação e empatia de apatia” (Silva, 2021, p. 38).

Considerando o alinhamento da função da escola e da educação midiática, compreende-se que ela é o espaço adequado para construir o pensamento crítico sobre a presença nas mídias digitais e a relação com o mundo midiático (Alencar, 2021). Podendo promover uma educação colaborativa e que enfrente a individualidade e a fragmentação dos vínculos causado pelo excesso de uso das mídias digitais.

Entretanto, é fático que esbarramos na carência formativa dos docentes em relação com esses saberes, logo é necessário promover a preparação dos professores a fim de que se tornem aptos a “desempenhar seu papel de preparar cidadãos conscientes, [...] calcada no aspecto crítico e colaborativo em relação á temáticas emergentes à contemporaneidade” (Silva, 2021, p. 39).

Alencar (2021, p. 77) defende que a formação de professores voltada ao enfrentamento da desinformação deve ser “um processo formativo que contemple, porém ultrapasse, a instrumentalização e substitua o conceito de ‘competência’ por saberes alcançáveis no diálogo crítico entre a prática e a teoria”. Assim, essa formação deve abranger não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões críticas, psicológicas e emocionais, de modo a preparar os docentes para reconhecer, lidar com questionar e mediar os impactos da desinformação em seus contextos de atuação.

Com docentes preparados, estes podem tratar da temática na elaboração do projeto político pedagógico da escola, no plano de educação e em outras políticas públicas de combate à desinformação. E conseqüentemente, estes professores poderão realizar uma “formação adequada para os nossos educandos, intentando torná-los aptos à realização de análise concisa e de leitura crítica no meio que os insere” (Silva, 2021, p. 39).

Além disso, é preciso trabalhar a promoção de uma visão e atuação da importância da

coletividade na sociedade, desse modo poderá ser feito o enfrentamento à individualização que é consequência do mundo midiático, que também fortalece a crescente onda da desinformação que temos visto atualmente e debatido no presente estudo.

É necessário compreender que a educação “não é um ato individual, precisa dos outros. A autoeducação é importante, mas não chega. O que sabemos depende, em grande parte, do que os outros sabem. É na relação e na interdependência que se constrói a educação” (Novoa, 2022, p. 44). Importante também pensar o que poderá ser feito para reduzir os efeitos na sociedade da desinformação que estão contidas nas redes.

#### **4 CAMINHANDO PELA METODOLOGIA**

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sob o parecer nº 5.680.469. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurados o anonimato e a confidencialidade das informações

O curso de Licenciatura em Informática Educacional de uma universidade pública federal da região Norte do Brasil foi o locus da pesquisa deste estudo, a escolha se deu em virtude das características tecnológicas que possui, visto que mesmos poderiam se tornar propagadores desta formação.

O grupo de participantes foi composto por 14 estudantes do 7º semestre, sendo 11 do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Dos quais, 78,6% tinha entre 18 e 29 anos e 21,4% tinha entre 30 e 49 anos, 13 estudantes autodeclararam como pardo/a e somente 1 estudante se declara indígena – foi a única que ingressou por meio de Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI); os demais ingressaram pelo Processo Seletivo Regular (PSR).

É possível concluir que os estudantes participantes da pesquisa são, em sua maioria, mulheres, jovens, pardas e oriundas da cidade de Santarém. Outro ponto a ser explanado é de que os participantes foram listados do Identificado AIE00, seguindo a numeração cardinal, e quando necessário serão identificados no estudo por meio de um código, quando for necessário mencioná-los.

Este estudo utiliza a abordagem do tipo qualitativa, que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo,



2013, p. 19). Sua finalidade é da categoria exploratória, que vem “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41).

Esta pesquisa iniciou com o levantamento bibliográfico sobre as temáticas da pesquisa, que são: desenvolvimento tecnológico, educação midiática e a formação de professores, cuja finalidade é de identificar “fontes capazes de fornecer as respostas adequadas à solução do problema proposto” (Gil, 2002, p. 64).

A partir deste levantamento, constituiu-se a revisão de literatura que deu sustentação ao desenvolvimento da pesquisa. Uma delas foi a organização das propostas de ações para serem aplicadas em conjunto aos participantes no intuito de “contribuir para o equacionamento do problema central na pesquisa, a partir de possíveis soluções e de propostas de ações que auxiliem os agentes (ou atores) na sua atividade” (Pimenta, 2005, p. 532).

No que tange aos instrumentos para realizar a coleta de dados, durante a aplicação das atividades com o grupo de participantes, foram utilizados os seguintes:

Questionário Inicial e Final: que é “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (Marconi e Lakatos, 2011, p. 107). EO questionário visou mapear o contexto das vivências dos participantes e da compreensão deles com relação aos pontos centrais da pesquisa.

Observação Participante: é a “técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade” (Marconi e Lakatos, 2011, p. 96), que nesse caso também é participante. O pesquisador acompanhou e dialogou com os participantes a cada atividade, pôde colher dados e compreender o contexto da sala de aula. A observação participante é “um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (Minayo, 2013, p. 67).

Em seguida, temos a etapa de sistematização dos dados que é conceituada como “o processo de busca e de organização sistemático de transações de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo, acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão” (Bogdan; Blikem, 1993, p. 205).

É um trabalho cuidadoso de seleção e transcrição para construir uma boa estrutura de

sustentação de evidências. Além de ser um ótimo colaborador quando for necessário:

ler e recuperar os dados à medida que se apercebe do seu potencial de informação e do que pretende escrever. As técnicas de trabalhar mecanicamente com os dados são inestimáveis porque dão uma direção aos seus esforços após o trabalho de campo, e, por isso, tornam manejável algo de potencialmente complexo (Bogdan; Blikén, 1993, p. 232).

Esta maleabilidade que surge em seguida da sistematização, oportunizou que os dados pudessem ser confrontados uns com outros, considerando os entendimentos iniciais com as aprendizagens geradas no decorrer das atividades, dando abertura para extrair aquilo que foi agregado aos participantes neste processo.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que possibilita a organização, categorização e interpretação de dados qualitativos de forma sistemática. O processo ocorreu em três etapas: (i) pré-análise, com leitura flutuante dos dados oriundos dos questionários e dos registros da observação participante; (ii) exploração do material, na qual foram definidas categorias temáticas relacionadas aos objetivos da pesquisa, como consumo de informações, compartilhamento em mídias digitais e compreensão sobre desinformação; e (iii) tratamento e interpretação dos resultados, buscando identificar padrões, recorrências e sentidos atribuídos pelos participantes às experiências formativas desenvolvidas.

As categorias foram construídas de forma indutiva, a partir da recorrência dos dados, e analisadas à luz do referencial teórico adotado, permitindo a articulação entre os dados empíricos e as discussões sobre educação midiática e formação de professores.

Para garantir maior rigor analítico, os dados foram triangulados a partir das diferentes fontes de coleta (questionários e observação participante), permitindo a validação dos achados por meio da convergência de evidências.

É importante destacar que houveram alterações durante o processo para que pudesse ser melhor aplicável, ainda que os dados sistematizados e analisados através de procedimentos tenham sido avaliados posteriormente à aplicação e à pesquisa de campo.



## 5 A CONSTRUÇÃO DOS ENCAMINHAMENTOS EDUCACIONAIS

A desinformação, como mostrado ao longo do texto, vem nos últimos anos afetando com muita força o contexto das sociedades e tem tensionado a credibilidade de campos que outrora foram consenso entre as pessoas.

Dado que a escola é o lócus indicado para liderar a ofensiva contra a desinformação. Buscamos desenvolver direcionamentos que pudessem colaborar com a formação inicial de professores. Salienta-se que a intenção deste estudo não é de apresentar um conteúdo fechado ou para ser replicados, mas na condição de abrir espaço de discussão sobre a importância e a forma de inclusão desta temática na formação inicial de professores.

No intuito de verificar a necessidade de ter e de ser um ambiente inicial de formação, entendemos a necessidade aplicar esse debate com uma turma de graduação, escolhida de forma retromencionada. Os encaminhamentos foram realizados na disciplina “Tópicos Especiais em Educação, Comunicação e Cultura”, que consta no 8º semestre da matriz curricular, com uma carga horária de 60 horas e que, em sua ementa, indicava a possibilidade de trabalhar com temáticas emergentes.

A proposta constituída considerou questões formativo-teóricas: uso de textos que poderiam contribuir significativamente nas temáticas do estudo; questões formativo-práticas: em que os estudantes pudessem realizar a aplicabilidade do debate em sala. Esses dois núcleos de atividades visaram à promoção do entendimento e da análise crítica sobre essas temáticas e também sobre o desenvolvimento da prática docente.

O plano de curso foi constituído de 14 encontros, sendo 6 encontros para o debate das temáticas, 4 encontros para a organização das propostas de ação, 2 encontros para as apresentações e 2 encontros para abertura e avaliação, todos realizados no ano de 2022, conforme Quadro 1. A proposta se deu a partir do que foi estudado até aquele momento da pesquisa, como por exemplo, Silva (2021); Alencar (2021); Chaves e Melo (2019); Soares (2014), que vieram a colaborar com a construção dessa proposta utilizada com os estudantes.

Quadro 1 – Cronograma dos encontros

Data	Temas	Referências
26/09	Apresentação da proposta e avaliação diagnóstica.	-
03/10	Educação, comunicação e cultura	Buckingham (2010); Mídi makers (2022); Scolari (2018)
17/10	Tecnologias digitais, mídias e conflitos geracionais	Pariser (2012), Gonsales e Amiel (2020) e Selwyn (2008)
22/10	Cultura digital e sociedade da informação	Buckingham (2008); Selwyn (2007)
24/10	Debates pós-modernos: mídias e tecnologias na educação	Bévort e Belloni (2009); Fantin (2011)
31/10	Pós-verdade e desinformação	Cruz Junior (2019); Cruz Junior (2021), Recuero (2021)
05/11	Formação de professores na contemporaneidade	Cordeiro e Costa (2021); Selwyn (2016)
14/11	Revisão e aplicação de atividade	-
21/11	Delineamento de propostas ou atividades de ação pedagógica e educacional	Referências da disciplina e outras que forem pertinentes.
24/11	Encontro extraclasse para tiragem dúvidas e colaborações com os grupos.	-
28/11	Apresentação dos grupos	-
06/12	Apresentação dos grupos	-
12/12	Entrevista em grupo – avaliação	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vale ressaltar que a proposta teve algumas alterações ao longo de sua execução, por conta de algumas atividades institucionais e outros acontecimentos externos à universidade. No entanto, conseguiu ser executada em sua plenitude, ainda que alguns momentos tenham sido necessários unir atividades por conta compressão do tempo.

### 5.1 Consumo e o compartilhamento de informações nas mídias sociais

Para obtenção os dados sobre o consumo e compartilhamento de informações, foi aplicado um bloco de perguntas em conjunto com o questionário eletrônico inicial. Dentre as indagações feitas, foi perguntado “como você consome informações?” aos participantes, no intuito de verificar os meios mais utilizados de consumir informações.

De antemão, observamos com as respostas, que as redes sociais e o whatsapp são, sem dúvida, os meios de informações mais comuns utilizados pelos estudantes. No entanto, os jornais, sejam eles digitais e/ou impressos, são bem pouco usados para consumir informações, como poderemos observar e analisar nos gráficos que serão apresentados em seguida.

Abaixo é apresentado um quadro com a maiores incidências das plataformas usadas para se informar, com a porcentagem das respostas de “frequentemente”, “muito” e “sempre”.



Com o intuito de ser uma peça colaborativa na comparação dos usos mais constantes, já que a soma das respostas equivale ao uso de médio para alto.

Observa-se, no Quadro 2, que, ao somarmos essas três opções de respostas, chegamos à porcentagem de 92,9% dos participantes, ficando muito evidente que o WhatsApp e seus similares são os ambientes que são mais utilizados para se informar, entre estes participantes.

Quadro 2 – Níveis de uso das plataformas para se informar

<b>Respostas</b> <b>Plataformas</b>	<b>Frequentemente</b>	<b>Muito</b>	<b>Sempre</b>	<b>Total</b>
<b>Redes Sociais</b>	7,1%	35,7%	42,9%	85,7%
<b>WhatsApp e os Similares</b>	28,6%	28,6%	35,7%	92,9%
<b>Sites e Jornais Conhecidos</b>	42,9%	0%	7,1%	50,0%
<b>Sites de Jornais Independentes</b>	14,3%	0%	7,1%	21,4%
<b>TV</b>	35,7%	0%	7,1%	42,7%
<b>Rádio</b>	0%	0%	7,1%	7,1%

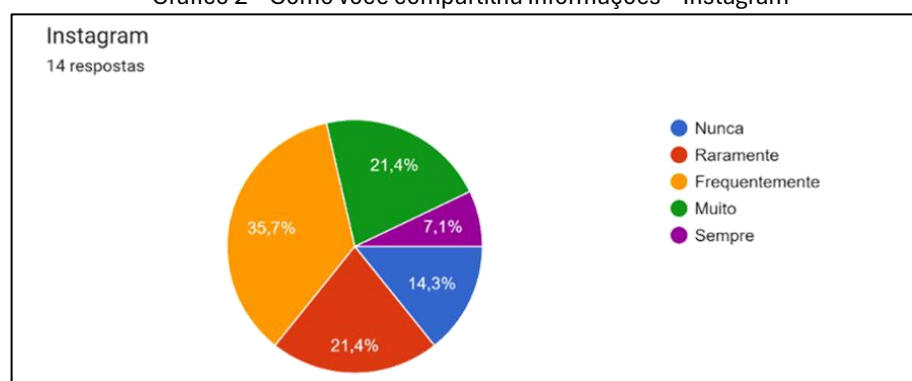
Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados dos estudantes.

Isto explicita que as mídias sociais, redes sociais e os aplicativos de mensagens instantânea são os únicos que têm um resultado acima de 50%, os demais estão abaixo desta marca, o que nos mostra que, mesmo que os veículos de imprensa mais renomados tenham seus sites de notícias, ainda são mais utilizadas as mídias sociais, contudo consideramos que o resultado de 50% de uso dos sites de jornais conhecidos para se informar é um bom resultado.

Além disso, o questionário inicial permitiu identificar os meios em que os participantes mais compartilhavam informações. Diante desse cenário, perguntamos: “Com que frequência você compartilha informações?” com as possibilidades de marcação: “nunca”, “raramente”, “frequentemente”, “muito” ou “sempre”.

Os dados obtidos mostram que a plataforma Instagram é a mais usada para o compartilhamento das informações, foram quase 2/3 dos participantes que responderam “sempre”, “muito” ou “frequentemente”, como pode ser visto no gráfico 2. Porém, ela ainda obtém baixa incidência, somente 7,1% destes utilizam “sempre” e 21,4% que usam “muito” a rede para o compartilhamento de informações.

Gráfico 2 – Como você compartilha informações – Instagram

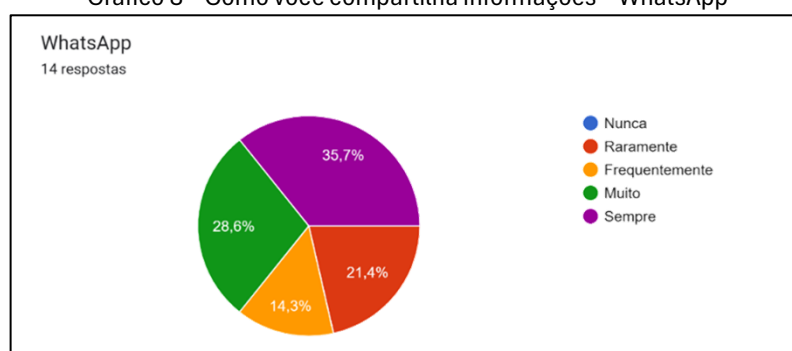


Fonte: Elaborado pela google formulário com base em dados dos estudantes.

Quando se trata do WhatsApp, observamos que as respostas “sempre”, “muito” e “frequentemente” para o compartilhamento de informações nesta rede é de 78,8%, sendo a mais utilizada por estes estudantes para compartilhar informações. Mais de um terço usa “sempre” esse mecanismo para compartilhar informações. Já a opção “nunca”, nem aparece no gráfico 3, pois não houve nenhuma resposta nesta opção.

Também foi verificado a frequência de compartilhamento de informações na rede X, antigo Twitter. Nela, tivemos destes participantes resultados discrepantes dos demais dados. Esta rede “nunca” é utilizada para o compartilhamento de informações por uma grande maioria, foram 71,4% dos estudantes. As demais respostas foram de 21,4% para “raramente” e de 7,1% para “muito”, o que mostra que este grupo não tem o costume de usar o X, antigo Twitter, para o compartilhamento de informações.

Gráfico 3 – Como você compartilha informações – WhatsApp



Fonte: Elaborado pelo google formulário com base em dados dos estudantes.

A análise dos dados revela que, os estudantes de graduação que participaram da formação, usam as mídias sociais para consumir e compartilhar informações, sendo o



WhatsApp e os aplicativos de mensagens instantâneas os campeões nesse processo. No que tange ao uso para consumir ficou com 92,9% e no compartilhamento ficou 71,4%. Nesta segunda situação há uma diferença de 50,1% de uso do Facebook e de 14,4% de uso do Instagram para ação de compartilhamento.

Estes dados foram obtidos em um pequeno grupo de estudantes de graduação, mas podem representar parte da sociedade que usa mídias digitais, em especial, os aplicativos de mensagens instantâneas para consumir e compartilhar informações. Dito isto, eles vêm ao encontro da grande problemática pontuado neste estudo, o uso dessas plataformas para disseminar desinformação e em alguns casos causar alvoroço na sociedade com assuntos que não tem base fática.

## **5.2 Processo formativo dialogado: desinformação e educação midiática em foco**

Os dados reforçam que “uma vez que os sujeitos já estão previamente em interação com a mídia (objeto), o desenvolvimento crítico dessa interação exige uma atenta combinação de aspectos de diferentes dimensões” (Alencar, 2021, p. 76) para fazer frente ao fenômeno da desinformação. E isto diz respeito a uma formação crítica.

Buscava-se através deste espaço formativo a abertura de um ambiente que pudesse realizar debates sobre o contexto contemporâneo da sociedade no que tange ao avanço das tecnologias e de como isso tem colaborado para dar amplitude a desinformações, de como o fenômeno da pós-verdade tem contribuído para aprimorar e fortalecer as narrativas criadas e propagadas pelos meios digitais de comunicação (D’Ancona, 2018).

Nesta etapa da formação, formada por 8 encontros, foi utilizada para promover a leitura e o debate das temáticas centrais da pesquisa, como mostrado no quadro 01, através de aulas expositivas e dialogadas. Nos primeiros encontros ficou nítido que a temática central não estava entre os assuntos estudados pelos participantes até aquele momento. Diferente da temática do “avanço tecnológico” que já tinham conhecimento e veio a colaborar com as explicações.

Observou-se que no decorrer dos encontros com percepção do envolvimento dos próprios com a temática, passaram a compartilhar situações vivenciadas ou que tinham presenciados. Uma participante relatou o recebimento de muitos conteúdos anti-vacina pelo whatsapp durante a pandemia, que ficou receosa com tais informações em virtude de ter um

filho ainda bebê. Ainda houveram relatos de outros participante sobre a distribuição de desinformações no período da pandemia.

Destaca-se que ao longo dos encontros foi necessário fazer ajustes, a exemplo do quarto encontro que foi realizado virtualmente, levando a uma baixa participação, e nos últimos dois encontros da etapa que foi alterado para exposições feitas pelos participantes com apoio dos docentes, com objetivo de trazê-los para mais perto dos debates

Encerrando a etapa, foi realizado uma revisão dos pontos principais das temáticas debatidas nos encontros. Em adição, foi feita a exposição de dois vídeos de casos reais, mencionados anteriormente, em que a desinformação causou danos para pessoas, famílias e comunidades, visto a ligação explicativa e reflexiva sobre os assuntos abordados.

Ao fim desta etapa, conseguimos verificar que os participantes desenvolveram seus conhecimentos de como o avanço tecnológico é um dos causadores do aumento da desinformação na sociedade, como já foi pontuado por Lemos (2021) e Martins (2020). É relevante observar que como em qualquer aula, houve participantes que não seguiram o planejamento, que não leram os textos, que faltaram em alguns encontros e/ou não acompanharam o desenvolvimento das atividades com a devida atenção e foco.

Ainda assim, uma parte considerável percebeu a significativa importância deles para o enfrentamento da desinformação, da interferência na vida de milhares de pessoas, as reais motivações e das consequências das desinformações na sociedade, como é possível ver no livro de D'Ancona (2018). De que é necessário o preparo desde cedo para barrar minimamente seus efeitos.

Compreendendo que a educação é um processo a longo prazo, como Novoa (2022) já havia sinalizado, que precisa de tempo e preparo por aqueles e aquelas que vão compartilhar com os estudantes essas situações do cotidiano.

### **5.3 Processo formativo prático: construindo proposições educacionais**

Nesta etapa, os participantes foram organizados em quatro equipes para elaborar propostas de aula, de caráter prático, voltadas ao enfrentamento da desinformação, com acompanhamento do pesquisador e do professor orientador ao longo de dois encontros.



A Equipe 1 desenvolveu uma proposta direcionada ao ensino médio, com foco na desinformação e no racismo nas redes sociais, especialmente no Instagram. A aula previa a discussão de conceitos, a análise de postagens racistas, a problematização dos mecanismos de engajamento da plataforma e a apresentação de ferramentas de checagem de fatos, destacando a baixa efetividade das denúncias e a ampliação de conteúdos discriminatórios.

A Equipe 2 propôs uma aula sobre a disseminação de *fake news* no Twitter, organizada em três momentos: apresentação da plataforma, análise de conteúdos desinformativos — especialmente nas áreas da saúde e da política — e atividade prática com o jogo *Bad News*. A proposta enfatizou estratégias de verificação, como a consulta a múltiplas fontes e a leitura integral das informações antes do compartilhamento.

A Equipe 3 abordou o vício comportamental em redes sociais, com foco em crianças e adolescentes do ensino fundamental. A proposta buscou conscientizar sobre os riscos do uso excessivo das mídias sociais, destacando sintomas físicos, mentais e sociais, e apresentou estratégias de prevenção, como o controle do tempo de uso e a redução de notificações.

Por fim, a Equipe 4 elaborou uma proposta voltada à Educação Midiática na era da desinformação, destinada ao ensino fundamental. A aula integrou conceitos teóricos e atividades pedagógicas articuladas à disciplina de Ciências, abordando temas como queimadas, epidemias e o movimento antivacina, além de discutir o papel dos influenciadores e estratégias para identificar a intencionalidade dos conteúdos digitais.

Consideramos que as equipes chegaram ao objetivo da atividade que havia sido proposto. Tais atividades foram desenvolvidas ao ambiente escolar no intuito de trabalhar o contexto e o combate à desinformação na sociedade. Além disso, estão em alinhamento ao que Silva (2021) e Imbernón (2016) propõem, que seja uma formação que envolva a coletividade, trabalhe com o social e o democrático, e que desenvolva a leitura crítica.

É nesse sentido que, a partir da avaliação das atividades, pode ser considerado que a quase totalidade delas, conseguiram desenvolver uma proposta que tivesse uma ligação direta com um assunto específico e/ou disciplina escolar, com exceção de uma, mas que ainda sim, enquadrava-se no contexto geral da proposta.

Posto isso, a explanação das propostas de aulas que os participantes da formação elaboraram ao longo de duas semanas, deixou evidente que conseguiram abstrair bastante o que havia sido dialogado e debatido ao longo dos encontros. Ao serem questionados ao final das

apresentações, grande parte dos participantes apontaram respostas adequadas para o que havia sido arguido pelos pesquisadores da pesquisa.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa buscou responder à indagação de como desenvolver, na formação inicial de professores, a análise e compreensão de informações midiáticas através de propostas e práticas pedagógicas. A partir desse objetivo, procuramos verificar indicativos de ambientes, neste nível de formação, que promovessem práticas e estudos que viessem a analisar e compreender o contexto da sociedade permeada por informações falsas, manipuladas e/ou descontextualizadas.

Os textos apresentados neste estudo conseguem dar uma base inicial para o debate da desinformação no ambiente educacional de formação de professores, desta forma, é palpável que exista arcabouço introdutório e demonstra a pertinência da inclusão destas temáticas nestes ambientes.

No que tange à formação inicial de professores e, posteriormente, através destes profissionais deve ocorrer a superação da desinformação por meio da sua atuação junto às crianças e adolescentes. Consideramos que, a partir deste estudo e de bases textuais como D'Ancona (2018) e de Alencar (2021), há a inviabilidade de vencer a manipulação da sociedade e do uso de mentiras para controle de pessoas, em especial, pela realidade tecnológica que vivenciamos e que tende a avançar cada vez mais, somente pelas vias educacionais.

Ainda assim, a educação configura-se como um caminho fundamental para que se construa uma sociedade mais preparada para lidar com este contexto, seja no meio digital e até mesmo no meio físico. Com dito por Silva (2021), é preciso preparar cidadãos em uma base crítica e colaborativa sobre temas da atualidade e partir do apresentado no presente estudo. Esta preparação deve ser iniciada pela formação dos professores que, posteriormente, serão propagadores dessas formações. Mas, também é preciso que essa formação seja realizada extrapolando os conceitos e práticas meramente instrumentais, como bem colocado por Alencar (2021).

Sob essa perspectiva, entende-se que, ao serem analisados estes estudos e com base no contexto da presente pesquisa, a formação inicial de professores é um caminho de grande



importância para o enfrentamento da desinformação, mas não para sua superação. Além de que é preciso também outros mecanismos sendo aplicados conjuntamente para que se tenha um efeito mais eficiente; a educação é somente um dos pilares para que isso ocorra.

No que tange o conjunto de atividades de encaminhamento educacional, avalia-se que poderia ter sido melhor elaborado e aplicado, todavia o curto período de elaboração e aplicação foi um motivo que gerou esses desarranjos. Mas, deve ser considerado para estudos futuros a inclusão ou então troca de alguns textos, do uso de outros materiais de multimídia para além dos que foram usados.

Ademais, poderia ter sido incluída no plano de curso a aplicação das propostas de ação que foram elaboradas pelos participantes da pesquisa durante as atividades, como foi pontuado por uma das participantes da aplicação. Ressalta-se que mesmo com estes indicadores de melhorias do conjunto de atividades, esta proposta cumpriu um fim importante na formação daqueles que participaram, tanto na avaliação dos proponentes como dos próprios participantes, levando aqueles futuros professores ao “desenvolvimento da crítica necessária para analisar, criar e participar de maneira consciente, responsável e ética do cotidiano midiático atual” (Alencar, 2021, p. 6).

Ainda assim, essa pesquisa consegue confirmar sua avaliação do início da pesquisa: de que o cenário de interferência da desinformação na sociedade era bastante temeroso. E de que as universidades e escolas, a educação como um todo, é o ambiente apropriado para a difusão dessas formações. Outro aspecto relevante é que seja ampliado ainda mais o arcabouço referencial necessário para debater as questões da desinformação na sociedade e de como isso tem afetado, inclusive, a educação.

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui ao articular o campo da educação midiática com a formação inicial de professores, evidenciando que o enfrentamento da desinformação não se limita à aquisição de competências técnicas, mas requer a construção de uma formação crítica, reflexiva e contextualizada.

Ao analisar uma experiência formativa concreta, o estudo amplia a compreensão sobre como práticas pedagógicas podem ser estruturadas para promover o desenvolvimento da criticidade frente ao ambiente informacional contemporâneo. Nesse sentido, reforça-se a necessidade de integrar a educação midiática como eixo estruturante nos currículos de

formação docente, especialmente em contextos marcados pela intensa circulação de informações digitais.

Por fim, é preciso ainda salientar a necessidade de continuar o debate que este estudo inicial apresentou, ampliando o escopo teórico e procedimental de pesquisas correlatas, além do aperfeiçoamento das atividades e o desenvolvimento de novas frentes investigativas e resultados que venham a surgir. No mais, o estudo consegue apresentar encaminhamentos educacionais iniciais que podem ajudar nesses próximos passos.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Paula de. **Competência crítica em informação e prática docente: uma análise sobre a relação do professor com a desinformação**. Orientador: Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider. 2021. 145 p. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **Educação Crítica Midiática: Formação para Cidadania de Jovens no Contexto de Pós-Verdade e Fake News**. Orientador: Prof. Dr. Marcello Baquero. 2021. 318 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2021.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1993.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. 6. Ed. ver. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V.1. ISBN 85-219-0329-4.

CHAVES, Mônica; MELO, Luísa. **Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação**. Rio de Janeiro: Revista Mídia e Cotidiano, v. 13, ed. 3, p. 62-82, 5 dez. 2019.

CRUZ JR, Gilson. **“Ver o que temos diante do nariz requer uma luta constante”**: a pós-verdade como desafio à educação na era digital. ETD- Educação Temática Digital, ETD- Educação Temática Digital, ano 2021, v. 23, n. 1, p. 273-290, 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

EDUCAMÍDIA. **Cidadania para o mundo conectado**. In: Habilidades. Porto Alegre: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: < <https://educamidia.org.br/habilidades> >.



GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, Ed. 4, 2002.

HOBBS, Renee; JENSEN, Amy. **The Past, Present, and Future of Media Literacy Education**. The National Association for Media Literacy Education, [s. l.], ano 2009, v. 1, ed. 1, p. 1-11, <https://doi.org/10.23860/jmle-1-1-1>.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do Ensino e a formação do professorado**: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016. 232 p. ISBN 9978-85-249-2430-9.

LEMOS, André. **A Tecnologia é um vírus**: Pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021. 150 p. ISBN 978-65-5759-029-4.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARTINS, Helena (org.). **Desinformação: crise política e saídas democráticas para as Fake News**. São Paulo: Veneta, 2020. ISBN 978-65-86691-04-7. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/desinformacao-crise-politica-e-saidas-democraticas-para-as-fake-news/>.

NÓVOA, António. **Escolas e professores**: proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

Oxford Dictionaries (2016). **“post-truth”**. In Oxford Dictionaries “Word of the Year 2016”. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa**: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005.

RECUERO, Raquel et al. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil**: relatório, resultados e estratégias de combate. Pelotas, RS: MIDIARS – Grupo de Pesquisa em Mídia Discurso e análise de Redes Sociais, 2021.

SILVA, Lucinalva de Almeida. **A influência da Fake News e da desinformação na era da pós - verdade**: saberes e estratégias de professoras do ensino fundamental no contexto de uma pesquisa - formação. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro. 2021. 209 p. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) - Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina, Petrolina, 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e a formação de professores no século XXI**. Revista FGV Online, São Paulo, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/41468>.

SOARES, Magda. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 2002.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204-/220418por.pdf>>.

VERSUTI, Christiane Delmondes. **Literacia midiática no ensino de jovens e contribuição para participação cidadã**: experiência intercultural entre Brasil e Portugal. Orientador: Prof. Maximiliano Martin Vicente. 2021. 287 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP, 2021.

ZATTAR, Marianna. **Competência em informação e desinformação**: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. Liinc em Revista, [S. l.], v. 13, n. 2, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4075. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075>.

---

#### COMO CITAR - ABNT

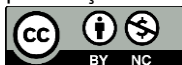
SANTOS, Igor Pereira dos; MAFRA, José Ricardo Souza. Formação inicial de professores e a desinformação: o papel transformador da educação midiática. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 24, n. 38, e25059, jan./dez., 2025. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v24.n38.5277>

#### COMO CITAR - APA

Santos, I. P. & Mafra, J. R. S. (2025). Formação inicial de professores e a desinformação: o papel transformador da educação midiática. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 24(38), e25059. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v24.n38.5277>

#### LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



#### HISTÓRICO

Submetido: 05 de outubro de 2025.

Aprovado: 09 de dezembro de 2025.

Publicado: 31 de dezembro de 2025.